

DIA DA MULHER*

Alexandra Kollontai**

Alexandra Kollontai foi uma militante que se destacou em sua luta e suas posições. No seu período radical, criticou o bolchevismo e defendeu as lutas das mulheres trabalhadoras. Uma de suas obras mais conhecidas é “*A Oposição Operária*”, na qual critica Lênin e Trotsky. A sua defesa da “autonomia operária” e crítica ao burocratismo bolchevique foi um dos elementos que possibilitou Alexandra Kollontai se torna conhecida nos meios políticos revolucionários e reformistas. Porém, ela também se tornou amplamente conhecida na sua luta pela libertação da mulher. Kollontai reflete, no presente texto, sobre a questão do “dia da mulher” e coloca a questão do seu significado para o movimento operário, buscando desfazer a resistência de alguns setores em relação a esta data de luta. Ela realiza esse objetivo ao diferenciar a luta das mulheres trabalhadoras das reivindicações feministas. E aqui emerge um elemento interessante: Kollontai questiona o feminismo e o coloca dentro das reivindicações das mulheres burguesas, que se limitam a exigir “direitos iguais”, no interior da sociedade capitalista e que significa, para elas, “as mesmas vantagens, o mesmo poder, os mesmos direitos na sociedade capitalista que seus maridos, pais e irmãos desfrutam atualmente”. Essa contraposição entre luta das mulheres trabalhadoras e feminismo mostra a posição de Kollontai diante das lutas femininas: a verdadeira luta feminina é uma luta ao lado dos *homens* (e não contra eles, tal como se verá num certo feminismo posterior) *trabalhadores*, unidos na luta operária revolucionária pela transformação radical e total da sociedade e a luta das mulheres burguesas são por direitos no interior do capitalismo em benefício próprio e sem atender as necessidades das mulheres trabalhadoras. A solução de Kollontai é a de união entre trabalhadores e trabalhadoras na luta pela libertação operária oferecendo atenção especial à luta das mulheres da classe operária e suas reivindicações específicas, inclusive e especialmente como mães. Curiosamente, Alexandra Kollontai, crítica do feminismo, se transformou, nas biografias, comentários e referências, uma “representante do feminismo” e sua tese da inseparabilidade da luta das mulheres (trabalhadoras) e do movimento operário é esquecida em muitos casos. As traduções promovem verdadeiras traições ao que ela disse, pois em muitas delas, inclusive em outras traduções do presente texto, aparece “feminismo burguês” ao invés do que está no original russo: feminismo puro e simples. A inclusão nas traduções de um adjetivo inexistente serve para se postular a existência de um feminismo “não-burguês”. Essas traduções comprovam que inexistente tradução neutra, pois elas são feitas com os recursos técnicos, interpretação (mais ou menos limitada) e mentalidade dos tradutores. Os recursos técnicos remetem para o saber sobre os dois (ou mais) idiomas em questão, o acesso a dicionários, etc. A interpretação requer capacidade de contextualização (e no caso de traduções o saber sobre o contexto assume importância fundamental) e percepção da totalidade do discurso. A mentalidade é uma determinação pouco perceptível pelo próprio tradutor, mas que está por detrás de várias escolhas no processo de tradução (por exemplo, escolha de palavras determinadas, forma de adaptar para outro idioma a mensagem, a própria interpretação, a posição diante das afirmações do texto, etc.). Em síntese, o texto de Alexandra Kollontai é um excelente alerta para as diferenças entre as mulheres proletárias e trabalhadoras em geral e as mulheres burguesas, entre marxismo e feminismo. Apesar das interpretações e traduções terem apagado essa diferença radical, a tradução abaixo ajuda a promover o seu resgate memorial. Por outro lado, o texto também tem o mérito de reconhecer as lutas específicas das mulheres trabalhadoras e que hoje precisam ser acrescidas a outras reivindicações que elas compartilham com outras mulheres de outras classes, mas que devem ser encaminhadas e fundamentadas sob formas diferentes das usuais pelo que hoje é hegemônico no feminismo. Um amplo movimento de união entre mulheres e homens visando combater a subordinação da mulher e o sexismo, com diversas reivindicações específicas, mas sob forma inseparável das lutas operárias pela libertação humana e da libertação feminina. E isso traz uma radicalidade ao processo de luta pela libertação da mulher: não se trata apenas de migalhas, de “direitos”, e sim de libertação total, o que significa que a mulher, livre do capitalismo e na sociedade autogerida, não só estará “livre” da subordinação e do sexismo e tudo que lhe acompanha (assédio, falta de liberdade, falta de autonomia, etc.), mas também terá liberdade de se autorrealizar como ser humano, assim como os homens (também libertos e autorrealizados, gerando uma relação radicalmente diferente entre os sexos). Isso quer dizer que não é apenas liberdade circunstancial, mas também liberdade realizacional. Assim, a fusão entre movimento feminino e movimento operário é a única forma de se passar de uma luta meramente pela liberdade circunstancial para uma luta pela liberdade realizacional e somente assim teremos a libertação feminina junto com a libertação humana em geral. O texto de Alexandra Kollontai traz elementos para pensarmos na luta feminina unida à luta operária e, portanto, é uma contribuição importante que deve ser lida e divulgada.

Revista Marxismo e Autogestão.

* Publicado originalmente em: Pravda, nº 40, 17 de fevereiro de 1913. Tradução de Nildo Viana. Traduzido do espanhol cotejado com o original russo.

** Alexandra Kollontai (1872-1952), foi uma militante política russa, participou de organizações socialistas e da Revolução Russa, atuando no interior do Partido Bolchevique e após a conquista do poder estatal, em 1921, integrou o grupo “Oposição Operária”, que criticava os burocratas bolcheviques Lênin e Trotsky. Após a proibição das frações no partido e derrota do movimento de resistência ao burocratismo, se integrou no aparato estatal. Autora de “*A Oposição Operária*”; “*A Nova Mulher e Moral Sexual*”; entre outras obras.

O que é o “Dia da Mulher”? Quem precisa dele? Não é uma concessão às mulheres burguesas, feministas e ativistas pelos direitos iguais? Não mina a unidade do movimento operário?

Essas perguntas ainda são ouvidas na Rússia, mas não são mais feitas no exterior. A própria vida já lhes deu uma resposta vívida e eloquente.

O “Dia da Mulher” possui um vínculo longo e forte com o movimento das mulheres trabalhadoras. O exército organizado de mulheres trabalhadoras cresce a cada ano. Vinte anos atrás, as mulheres trabalhadoras se aglomeravam em pequenos grupos nos sindicatos e brilhavam apenas como pontos isolados nas fileiras dos partidos operários... Hoje, na Inglaterra, mais de 292.000 mulheres trabalhadoras estão registradas em sindicatos; na Alemanha, cerca de 200.000 no movimento sindical e 150.000 nos partidos operários; na Áustria, 47.000 em sindicatos e quase 20.000 nos partidos. Na Itália, Hungria, Dinamarca, Suécia, Noruega, Suíça – em todos os lugares, as mulheres da classe trabalhadora estão se organizando. O exército socialista feminino organizado compreende quase um milhão de mulheres. Esta é uma força! E os poderes constituídos precisam levar isso em consideração quando se trata do custo de vida, seguro-maternidade, trabalho infantil e leis que protegem o trabalho feminino.

Houve um tempo em que os homens trabalhadores pensavam que deveriam arcar sozinhos com o fardo da luta contra o capital, que somente eles deveriam enfrentar o “velho mundo”, sem o apoio de suas companheiras. No entanto, à medida que as mulheres da classe operária se juntavam às fileiras daqueles que vendiam sua força de trabalho por um salário, forçadas a entrar no mercado de trabalho por necessidade, porque seus maridos ou pais estavam desempregados, os operários começaram a perceber que deixar as mulheres para trás, entre as fileiras dos “inscientes”, prejudicava sua causa e impedia seu avanço. Que nível de consciência possui uma mulher que se senta ao fogão, que não tem direitos na sociedade, no Estado ou em sua família? Ela não tem ideias próprias! Tudo é feito de acordo com as ordens de seu pai ou marido...

O atraso e a falta de direitos sofridos pelas mulheres, sua dependência e indiferença, não beneficiam a classe operária e, na verdade, prejudicam diretamente a luta operária. Mas como as mulheres entrarão nessa luta, como serão despertadas?

A social-democracia no exterior não encontrou imediatamente a solução adequada. As organizações operárias estavam abertas às mulheres, mas poucas aderiram. Por quê?

Porque a classe operária inicialmente não reconheceu que as mulheres trabalhadoras são os membros mais marginalizados, mais desfavorecidos. Que durante séculos a mulher foi intimidada, reprimida e perseguida, que para despertar seus pensamentos, para fazer seu coração bater mais forte e vigorosamente, é necessário encontrar palavras especiais que sejam compreensíveis para ela como mulher. Os operários não perceberam imediatamente que, neste mundo de marginalização e exploração, as mulheres são coagidas não apenas como vendedoras de força de trabalho, mas também como mães, como mulheres... Contudo, quando os membros do partido socialista operário compreenderam isso, abraçaram a luta em defesa da como trabalhadora assalariada e da mulher como mãe.

Em todos os países, os socialistas começaram a apresentar reivindicações por proteção especial ao trabalho feminino, fornecimento de seguro-maternidade e de assistência à infância, direitos políticos para as mulheres e a proteção dos interesses das mulheres.

E quanto mais claramente o partido operário entendia essa segunda tarefa em relação às mulheres trabalhadoras, mais voluntariamente as mulheres se juntavam às fileiras do partido, mais claro ficava para elas que o partido era seu verdadeiro defensor, que a classe operária lutava por suas necessidades urgentes, exclusivamente femininas... As próprias trabalhadoras, organizadas e conscientes, empenharam-se em esclarecer esse objetivo. E agora, a principal tarefa de atrair novas trabalhadoras para o movimento socialista recai sobre as mulheres. Os partidos políticos em todos os países agora têm seus próprios comitês, secretarias e escritórios femininos. Esses comitês de mulheres, por um lado, atuam junto às massas femininas de baixa renda, despertando a consciência das mulheres trabalhadoras e integrando-as à organização. Por outro lado, desenvolvem questões e reivindicações que afetam as mulheres mais diretamente: a proteção e a garantia da licença-maternidade, a regulamentação legal do trabalho feminino, o combate à prostituição e à mortalidade infantil, a reivindicação de direitos políticos para as mulheres, melhores condições de moradia, a luta contra o alto custo de vida, etc.

Assim, como membros do partido, as mulheres trabalhadoras lutam por uma causa comum de classe, mas, ao mesmo tempo, delineiam e defendem reivindicações e aspirações que lhes dizem respeito mais diretamente como mulheres, donas de casa e mães. E o partido apoia essas reivindicações e luta por elas... Afinal, as reivindicações de uma mulher trabalhadora são uma causa comum dos trabalhadores!

No Dia da Mulher, trabalhadoras organizadas protestam contra a ausência de seus direitos.

Mas alguns perguntarão: por que essa atenção especial às mulheres trabalhadoras? Por que existe um Dia da Mulher, panfletos especiais, conferências e manifestações para mulheres trabalhadoras? Isso não seria, ainda assim, uma concessão às feministas, à igualdade de direitos?

Só quem desconhece a diferença fundamental entre o movimento socialista e o movimento burguês pela igualdade de direitos pode pensar assim.

O que as feministas almejam? As mesmas vantagens, o mesmo poder, os mesmos direitos na sociedade capitalista que seus maridos, pais e irmãos desfrutam atualmente.

O que as mulheres trabalhadoras almejam? A abolição de todas as vantagens baseadas no nascimento ou na riqueza. Para a trabalhadora, não faz diferença quem detém esse poder “empresarial”: homem ou mulher. Juntas, em união com a totalidade de sua classe, elas serão capazes de aliviar sua condição de trabalhadora.

*Não existem, nem podem existir,
pontos de comunicação, reconciliação ou fusão...*

As feministas exigem igualdade sempre e em todos os lugares. As trabalhadoras respondem: exigimos direitos para todos os cidadãos, mas não permitiremos que se esqueçam de que não somos apenas trabalhadoras e cidadãs, somos mães! E como mães, como mulheres — portadoras do futuro — exigimos cuidados especiais para nós mesmas e para nossos filhos, proteção especial do Estado e da sociedade.

As feministas lutam por direitos políticos. Mas também aqui os caminhos divergem.

Para as mulheres burguesas, os direitos políticos são meramente um meio de garantir uma posição mais confortável e segura num mundo construído sobre a exploração dos trabalhadores. Para as mulheres trabalhadoras, é um degrau nessa escada árdua e difícil que leva ao desejado reino do trabalho.

Os caminhos das mulheres trabalhadoras e das burguesas já se separaram há muito tempo. As tarefas que a vida impõe a ambas são muito diferentes, os interesses da operária são totalmente antagônicos aos interesses da burguesa, assim como da empregada e da patroa. Não existem, nem podem existir, pontos de comunicação, reconciliação ou fusão... Portanto, nem dias separados para

as mulheres, nem reuniões especiais de trabalhadoras, nem um jornal especial para elas, devem assustar os trabalhadores.

Todo o trabalho específico desenvolvido por mulheres da classe operária é apenas uma forma de despertar a mulher trabalhadora, de uni-la às fileiras das lutadoras por um futuro melhor... Os dias dedicados às mulheres e todo o trabalho minucioso e lento para despertar a autoconsciência da mulher trabalhadora servem não à divisão, mas à unidade da classe operária.

Que as trabalhadoras atuem no dia da mulher com a alegre sensação de que elas servem à causa da classe e, ao mesmo tempo, lutam pela libertação feminina.

Pos-script: No texto, Alexandra Kollontai trata de partidos social-democratas (também chamado de “operários”), pois na época ainda não havia se constituído a ruptura entre os reformistas e revisionistas, por um lado, e os dissidentes que formarão o “socialismo radical” e, um pouco depois, o bolchevismo. A social-democracia ainda tinha, no seu interior (com mais força no caso dos dissidentes) um discurso mais radical e tinha maior proximidade com a classe operária. Da mesma forma, os sindicatos da época possuíam um grau de burocratização bem menor do que se verificou posteriormente e foi crescendo paulatinamente. Inclusive a Oposição Operária, fração dissidente do bolchevismo de Kollontai e Shliapnikov, cometerá o erro de solicitar liberdade para os sindicatos ao invés de exigir o retorno da autonomia dos conselhos operários e sua generalização como forma de autogestão das fábricas e da sociedade como um todo.

Revista Marxismo e Autogestão